

A POESIA PASTORIL NA GRÉCIA E EM ROMA HISTÓRICO

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro
(UERJ e Seminário São José de Niterói)

RESUMO

Focalizaremos no decorrer da nossa pesquisa a origem da poesia pastoril na Grécia com Teócrito e em Roma com o poeta Virgílio. Também veremos que o bucolismo é um gênero de caráter híbrido.

Foram pesquisados vários livros de críticos literários franceses, portugueses e brasileiros sobre este assunto pastoril que certamente servirá à formação de nossos discentes de graduação e pós-graduação no curso de Letras.

Enfim, serão estudados os poetas supra citados no que diz respeito à vida, ao estilo e às suas obras mais relevantes.

Palavras-chave: Teócrito, Virgílio, Bucolismo, Grécia e Roma

Discorreremos, inicialmente, neste trabalho, sobre “gênos” da poesia pastoril na Grécia, focalizando a vida e o estilo de Teócrito e a origem deste tipo de poesia em Roma, com Virgílio.

A literatura bucólica compreende idílios e éclogas nas quais as figuras representam pastores e outras personagens dos campos e dos montes. Cecília Lopes (ARAÚJO, 1995: 8 – 9) defende a idéia de que o bucolismo tem caráter híbrido. Neste gênero, o lirismo está patente, assim como as características do épico e do dramático. Embora seja o bucolismo um gênero de caráter misto, pois apresenta características do lírico, épico e dramático, a poesia bucólica é classificada como lírica pelo fato de expressar a subjetividade. Sabemos que nenhum gênero apresenta somente suas características próprias. Destarte, o bucolismo também se utiliza de características de outros gêneros, como a expressão do mundo, ora subjetivo, quando percebemos, na poesia, as emoções e sentimentos, ora objetivo, quando a personagem (ou poeta) faz a descrição do ambiente pastoril e da natureza. Notamos, outrossim, a presença de um narrador em terceira pessoa, quando o poeta fala a respeito dos pastores Córídon e Aléxis, como ocorre na segunda *Bucólica* de Virgílio, versos 1-5. A poesia

bucólica apresenta características de gênero dramático, quando há a presença de um desafio poético ou um diálogo entre pastores.

Guillemín (1968: 63) também é desta opinião de que o bucolismo é um gênero híbrido, pois há nele também os gêneros narrativo, dramático e o lírico.

Cecília Lopes de Albuquerque Araújo (1995: 8-9) outrossim nos ensina sobre o surgimento da poesia bucólica na Grécia a respeito do qual há várias hipóteses.

De acordo com a primeira, afirmam alguns que se originou dos lacedemônios, quando Xerxes, o rei dos Persas, fez uma viagem à Grécia. As mulheres espartanas não puderam cuidar do altar da deusa Diana, com zelo, na cidade dos pastores, como era costume, por causa do inimigo. Mesmo assim, elas celebraram o evento religioso com cânticos desarmoniosos, chamando-os de canto bucólico.

Numa segunda variante, dizem que Orestes, quando esteve na Sicília, dedicou o gênero bucólico à Diana, deusa dos campos, depois de furtar a imagem da divindade e escondê-la num feixe de lenha.

Para outros, a poesia bucólica foi dedicada a Mercúrio, pai de Dáfnis, príncipe de todos os pastores e rebanhos. Julgam ainda outros ter sido a poesia bucólica escrita em honra de Pã, deus pastoril, protetor dos pastores e rebanhos, inventor da flauta de sete canos, a sýrinx, (♦◆❖□)(X)Yo☒Ⓢ Junito de Souza Brandão (1950: 5), na tese *Os idílios de Teócrito e as Bucólicas de Virgílio*, esclarece que o bucolismo teve, é quase certo, suas origens no solo helênico. As próprias condições geográficas, políticas e sociais da Grécia muito contribuía para o surto da poesia bucólica.

Há uma relação muito íntima entre as origens do bucolismo e as festas das colheitas e das vindimas, bem como as tumultuosas festas dionisíacas e fálicas, festejos estes que se realizavam nos campos.

Os camponeses festejam sua padroeira divina, a deusa Ártemis, cuja luz suave lhes ilumina os folguedos noturnos. Grupos de pastores e trabalhadores do campo enchem a região da Sicília e da Itália Meridional, diminuindo o cansaço do labor com canções, nas quais o sentimento da natureza modera as ânsias do amor. Por isso, o

bucolismo traduz a esperança de uma época de paz. A poesia bucólica tem ainda sua origem ligada a certos hábitos de vida, como a agricultura e a pastorícia.

Já que estamos discorrendo sobre as origens da poesia pastoril, passemos ao campo da etimologia dos vocábulos a ela referentes.

Veremos o significado etimológico (CHANTRAINE, 1999) de *idílio*, *écloga* e *bucólica*. Sabemos que modernamente, todos estes nomes se equivalem, contudo primitivamente são diferentes.

O *idílio*, do grego *eidýllion* (ἔιδυλλον), era composição poética breve, poesia curta. É o diminutivo de *eídos* (εἶδος). Entretanto, os modernos passaram a dar uma significação mais restrita a esta palavra, já que as composições sobre assuntos pastorais apareciam em maior número neste tipo de poesia, associando-se então o idílio à idéia de poesia pastoral.

Costumamos chamar idílios aos poemas de Teócrito. Em latim, como Albin Lesky ([s/d]: 751) nos informa, Plínio o Jovem (4,14,9) foi o primeiro a empregar a palavra idílio, no sentido de poesia de curta extensão. Sua origem é obscura, mas consta que o seu significado primitivo não tinha nada a ver com a poesia pastoril, nem tão pouco com o idílio tal como o entendemos agora. Pois, empregava-se este tipo de poema com o sentido bastante diverso.

A *écloga* ou *égloga*, do grego *eklogé* (ἐκλογή), significa etimologicamente, “escolha”, “extrato” e num sentido mais amplo “poesia ou trecho seletto”. Só modernamente se emprega como sinônimo de composição pastoril.

A *bucólica*, do grego *boukólikon poíema* (βουκόλικον ποίημα) seria uma composição, na qual o protagonista era o boieiro ou vaqueiro. Tirou-se deste termo o nome do gênero bucolismo ou poesia bucólica.

O termo *pastoral*, designativo de uma composição que se move num quadro rústico e num ambiente de pastores, não é usado na Antigüidade Clássica.

Assim, com a explicação etimológica dos nomes, acima mencionados, entendemos melhor o conceito de poesia bucólica. *Stricto*

sensu é uma forma de poesia na qual o protagonista é o *boucólos*, (Ϟ◻◆&◻❖●◻>), isto é, o boieiro ou vaqueiro, com predomínio para o guardador de gado bovino, por ser o mais antigo entre os pastores. *Lato sensu*, seria o gênero literário, em verso, em que figuravam, num cenário campestre, os guardadores de gado como principais atores, podendo ser boieiros, vaqueiros, pastores de cabras ou de ovelhas.

Modernamente, há uma preferência para o nome *pastoral* ou *pastoralismo*, em virtude de ter sido a de pastor de cabras ou de ovelhas a ocupação mais freqüente.

Na lírica antiga, não poderia haver uma dissociação da poesia com a música, por isto, na Grécia, surgem o canto e as disputas poéticas, graças, não só, às condições geográficas que favoreciam este surgimento pela existência da atividade pastoril, como também, graças ao pastor que vigiava os seus rebanhos e, solitário, muitas vezes, tinha a disponibilidade suficiente de tempo para se sentar, para cantar, para tocar, para conversar e para fazer disputas poéticas com outro pastor.

Por causa do desenvolvimento da canção, na Grécia, surgiram os festivais. Segundo Zélia de Almeida Cardoso (CARDOSO, 1989: 53-4), em seu livro *Literatura Latina*, o canto desempenhava papel secundário e de características religiosas, e depois passou a ter função artística. Concursos foram organizados, surgiram competições e muitas premiações. Dessa maneira, a atividade artística foi, paulatinamente, se aperfeiçoando.

Quando falamos da origem da poesia pastoril, logo nos lembramos do poeta grego Teócrito, considerado o criador deste gênero. Este, contudo, não se desenvolveu apenas na Grécia. Virgílio o praticou em suas *Bucólicas*, em Roma, e foi ele retomado pela posteridade no Renascimento e no Arcadismo, representando-se em boa parte da literatura européia.

Dizem que Teócrito nasceu por volta do ano 310 a.C., provavelmente em Siracusa, colônia grega situada na Sicília. Viveu na ilha de Cós e em Alexandria, no período helenístico, no qual a cultura e as atividades artísticas se deslocam de Atenas para Alexandria. Esta torna-se um grande centro urbano e, sob a proteção dos monarcas

que ali reinam e com o auxílio de excelentes bibliotecas, aparecem muitos poetas e prosadores, nesta época.

Para Albin Lesky ([s/d]: 749-50) três foram os lugares do Mediterrâneo que desempenharam na vida do poeta papel relevante: Siracusa, onde nasceu; Alexandria, cujo movimento intenso e cuja pequena burguesia foi descrita em alguns de seus poemas. Certamente, Alexandria constituiu uma importante etapa no curso da vida de Teócrito. E por fim, a ilha de Cós, na qual conquistou um círculo de amigos, do qual sabemos algo pelo sétimo *idílio*, *As Talísias*. Foi também em Cós que Teócrito conheceu e fez amizade com o médico Nícias de Mileto, ao qual o poeta se refere nos *idílios* 11, 13 e 28 e no epigrama 8.

Siracusa, Alexandria e Cós: os três nomes designam fundamentalmente o cenário da vida de Teócrito, dos seus *idílios* e epigramas. Teócrito foi muito prestigiado em todo o mundo helênico. Escreveu no dialeto dórico, em hexâmetro datílico, e, na maior parte de sua obra, na forma de diálogo. Seus poemas são retratos ou pequenas cenas do ambiente bucólico. Albin Lesky ([s/d]: 756) também nos lembra de que o mérito de Teócrito e de seus poemas reside na arte da *mimesis*, com a qual não há muita comparação na poesia antiga. Antes de tudo, nos seus *idílios* bucólicos, Teócrito não é apenas um retratista do mundo grego, mas faz parte integrante dele. Há muitas vezes passagens repletas de mitologia que refletem as lendas do mundo pastoril. Os pastores com seus amores felizes ou infelizes são os personagens de Teócrito.

Para Albin Lesky ([s/d]: 751-53), foi através dos poemas de caráter bucólico que Teócrito fundamentou a tradição da poesia pastoril. É mister afirmar também que o poeta siracusano fez ressaltar em seus *idílios* a preponderância de elementos oriundos do Mediterrâneo oriental para explicar o sentimento da natureza desta poesia. O poeta, em alguns de seus poemas, apresenta os mesmos personagens da *Comédia Nova*. Primeiramente, porque há personagens do mundo burguês e outros do meio popular; há o jovem apaixonado que perdeu o seu amor, como no *idílio* XIV, e há a presença dos deuses do Olimpo que participam das aventuras familiares.

Teócrito se filiou também em três *idílios* (II, XIV e XV) ao gênero literário conhecido como mimo. Este pode ser definido como

um gênero dramático, no qual pequenas cenas da vida cotidiana são abordadas de maneira bastante realista. O mimo literário era provavelmente recitado, e não encenado. As origens deste gênero são bastante obscuras. Sabemos que companhias de saltimbancos percorriam certas cidades gregas a apresentar pequenos trechos dramáticos de caráter bastante popular com imitações (○)✕(◊○□)✕(⊙ de cenas da vida cotidiana ou da mitologia, nas quais não estavam ausentes as vulgaridades. De qualquer forma, Teócrito adaptou o mimo à sua arte refinada, despindo-o de vulgaridades.

O que predomina nos idílios é a observação da rudeza dos pastores e um claro sentimento das belezas da natureza. Antônio Augusto de Carvalho Júnior em *A expressão poética dialetal de Teócrito em As Siracusanas*, nos ensina que o poeta siracusano é um especialista em ilusão. Através de vários recursos estilísticos, Teócrito nos ilude todo o tempo com uma simplicidade aparente em suas poesias. Em seus poemas, encontram-se a perfeição das descrições e a vivacidade das passagens dramáticas. Teócrito foi considerado um dos maiores poetas gregos da época helenística.

A literatura alexandrina cultuava o gosto pelo campo e os sentimentos dos pastores, entre outras coisas. Teócrito observa as realidades do campo e as retrata de uma forma tão pessoal, que todos reconhecem que foi a partir de sua obra que o gênero bucólico ficou definitivamente constituído. Ainda (LESKY, [s/d]: 756), Teócrito, em seus *Idílios*, escreveu sobretudo no dialeto dórico, como já afirmamos acima. Contudo, vale enfatizar que há alguns poemas dele, escritos nos dialetos eólico e jônico. Em Roma. Sabemos que os romanos surgiram de uma pequena aldeia de agricultores, no séc. VIII a.C. Eles eram eminentemente agricultores e por isto se identificavam com o campo e a agricultura; As *Bucólicas* de Virgílio foram escritas numa época em que a sociedade romana se achava envolvida nas lutas civis. A leitura dos poemas virgilianos, que retratam a simplicidade do campo, deveria agradar ao romano, cansado das agitações políticas.

Ettore Paratore (1983: 377) explica que Virgílio viveu numa época cheia de conflitos, mas apesar de tudo, venceu os obstáculos, pautando-se na filosofia epicurista de Lucrecio com o intuito de esquecer as vicissitudes pelas quais passou, por isto criou uma obra

poética voltada à natureza, lugar de paz, harmonia e amizade verdadeira. Em Bellessort (1965: 43-5), a idéia de escrever as *Bucólicas*, bem como as suas duas outras obras monumentais, nasceu das necessidades de seu tempo. Bellessort também afirma, quanto à origem da poesia pastoril, que esta sempre existiu, desde a época em que os pastores tocavam as suas flautas, durante o trabalho. A poesia pastoril reflete a simplicidade da vida, os prazeres de uma raça pobre e paisagens habilmente sugeridas.

Os personagens são ou parecem ser pastores, verdadeiros boieiros, verdadeiros guardiães de cabras. O poeta sente com delicadeza o valor estético de seus gostos e de suas atitudes. Vale lembrar, também, seguindo o pensamento de Bellessort, que os romanos haviam chegado a um ponto em que deviam aspirar ao poema, como a última flor do gosto clássico da Grécia.

Bellessort (1965: 48) nos mostra o por quê de Virgílio escrever sobre a poesia pastoril. Pois, ele mesmo passou por uma existência turbulenta, própria dos homens da cidade, e sentiu nostalgia do campo, quando esteve em Roma. Bellessort também notou que a sociedade sofria pelo excesso de prazeres e que Virgílio podia fazer o bem oferecendo-lhe quadros rústicos e cantos de pastores. Virgílio, dessa maneira, parece querer ensinar ao homem que se vive bem melhor no campo do que em Roma.

Virgílio escolheu a poesia, pois achava que nela o homem poderia realizar-se e viver bem com a natureza. Assim, pensa Perret (1959: 63):

Il faut ici partir des *Bucoliques*. Virgile y avait défini la poésie comme la seule tâche digne de l'homme, la seule par laquelle il pût lui-même s'accomplir, et prendre place dans la nature sans la déshonorer. C'est aussi par la poésie que l'homme pouvait induire la nature à être pleinement elle-même.

Virgílio escreveu as *Bucólicas* como uma maneira de recordar a sua infância, conforme nos informa Bellessort (1965: 14), em seu livro, *Virgilio, su obra y su tiempo*. Para Guillemín (GUILLEMIN, 1968: 26-28), a poesia pastoril apresenta dois aspectos: um de elemento dramático e o outro, do musical. Quanto ao musical o que mais nos interessa é canto. Sua origem é pastoral, ao passo que o

elemento dramático é de origem literária. Enquanto o gado pastava, o pastor passava o tempo com o canto.

Guillemín nos diz que, na Sicília, mesclavam-se o positivismo dos povos latinos e o idealismo da raça helênica. A Sicília foi uma das pátrias da pastoral e teve como protetor Dáfnis que ocupa um grande lugar, nesse país. Consoante Guillemín, Virgílio, de vez em quando, em suas éclogas, também alude a outra escola pastoral, na Grécia Continental, a Arcádia e a seus pastores. Nesta escola, encontra-se Pã, deus grego dos rebanhos e pastores e criador da gaita musical de sete canudos, que chamou de *sýrinx*, em honra da ninfa do mesmo nome desejada por ele e transformada num junco para poder livrar-se do deus.

Com Teócrito, a pastoral havia chegado ao mais alto grau de perfeição. Teócrito retratava, em seus idílios, Alexandria, seus habitantes e fazia alusões ao rei Ptolomeu. A convenção do gênero exigia que os pastores fossem artistas delicados, deviam conhecer todos os segredos da arte e deveriam proferir na floresta, estrofes bem medidas, bem equilibradas.

Note-se que Virgílio não foi o criador da pastoral, mas trouxe contribuição ao gênero, imprimindo nele uma feição romana. Coube-lhe o mérito de ter aclimatado o gênero bucólico em Roma. E, indubitavelmente, sob a influência de Teócrito, compôs uma obra original e bela. Segundo Bellessort (1965: 48-49), Virgílio, nas *Bucólicas*, traça a sua nova Arcádia, lugar no qual se concebe a ambição de amar e de ser amado e o dever de cantar, harmoniosamente. Lugar do pastor, do amor e da árvore.

Para Teócrito, a Arcádia era, apenas, uma região, como a Sicília, freqüentada por Pã. Para Virgílio, a Arcádia era a pátria dos tocadores de flauta. Vive-se na companhia dos deuses e semi-deuses, não se tem necessidade de dinheiro e não se faz política.

Brisson (1980: 102) faz referências aos pastores em Virgílio que eram árcades, como Coridão e Tírsis.

A Arcádia não foi o lugar escolhido para as ficções pastoris. A terra da poesia bucólica, cujo modelo foi fornecido a Virgílio por Teócrito, era a Sicília. Virgílio, por sua vez, foi original, em sua obra *as Bucólicas*, quando decidiu colocar esses pastores árcades se deba-

tendo às margens do Múncio, rio que se situa na Gália transpadana. Brisson (1980: 103) afirma que Virgílio sobrepõe à realidade do círculo dos poetas cisalpinos a idéia de uma comunidade literária fundada sobre a amizade e que ele buscou caracterizar pela ficção da Arcádia. Qualquer um poderia ser árcade, mais especificamente no território de Mântua.

Para Bayet (1965:199) havia um grupo de admiradores que se chamavam árcades e se configuravam em torno de Virgílio. Para o Poeta da *Eneida*, a Arcádia era a sociedade ideal dos poetas rústicos, na qual qualquer um poderia encontrar as razões suficientes de sua felicidade. O motivo pelo qual Virgílio ter escolhido o nome Arcádia não sabemos. Diziam que os árcades eram povos antigos e que havia uma ligação deles com as origens de Roma.

Para Perret (1959: 36), os árcades dos tempos, os verdadeiros antigos da Arcádia, província da Grécia, faziam da música a pedra angular de sua civilização. A música para os árcades era extremamente útil aos homens, levava-os ao repouso e servia de alicerce para a formação dos religiosos, dos guerreiros e dos costumes. A música, chave de toda a vida espiritual, também tinha um caráter paidêutico e tornava o jovem apaixonado pela poesia.

Como diz Perret (1959: 37), o amor, que conduz ao campo, pela vida simples, livre e despojada, inclinada sobre o essencial, aparece nas lições de Epicuro. No campo, os pastores se exaltam e cantam. Essa é a vida do homem árcade.

Compartilhamos a idéia de Guillemin (1968, 19), segundo a qual as *Éclogas* retratam a terra e a história da região da Cisalpina, terra conturbada de Virgílio.

Virgílio ao elaborar as suas *Bucólicas*, também demonstrou nelas traços de sua originalidade: mostrou paisagens da sua infância, dos seus campos, dos seus prados, dos seus bosques, das suas flores, das suas personagens e de alguns dos seus costumes.

A natureza faz parte da sua terra, assim como seus pastores são romanos com seu caráter, suas personalidades e com suas paixões, embora tenham nomes gregos. Já os cantores, muitas vezes, são da Arcádia e só conhecem as suas ovelhas, o seu campo e a hora do seu descanso, no qual Pã passeia. Guillemin (1968: 58-61) nos

apresenta: os homens do campo, como Virgílio viu e conheceu, e o sentimento da paisagem incorporado ao trabalho da terra e à frugalidade da vida do campo.

Embora as *Bucólicas* sejam artificiais, como afirma Perret (1959: 35) Virgílio teve a sua originalidade de pensamento e de sentimento. Perret, também, faz referência à Arcádia, lugar no qual há harmonia e paz. Para Virgílio, a Arcádia não é um país e seus pastores cantam, não na Grécia, mas na Itália, à margem do Múncio. Para Virgílio, a Arcádia com sua natureza levava o homem a buscar a paz e a harmonia; era o lugar no qual o homem também se purificava, se refazia e descobria um sentido para a sua vida. A Arcádia era a palavra que Virgílio encontrou para caracterizar a atmosfera das *Bucólicas*.

Para Virgílio, a Arcádia não é um país; trata-se, apenas, de uma certa maneira de viver. O nome também designa um grupo de amigos, um cenáculo ao qual pertence o poeta Virgílio.

Segundo Perret (1959: 40), não só a presença da natureza, como também dos deuses fornece o equilíbrio da vida árcaica. Ele afirma que a natureza é sagrada e grandiosa, e o homem deve elevar-se ao melhor que puder, no plano da poesia. Misteriosas trocas tornam-se possíveis: os ecos respondem, os pinheiros falam e a natureza dá a sua voz. O homem na poesia cede a voz à natureza e é assim que encontramos nas *Bucólicas*, um ponto de convergência entre o homem e a natureza.

A temática de Virgílio é eminentemente romana, seus personagens vêm de recordações da sua infância, da sua terra e dos seus costumes campestres. O crepúsculo que cai em algumas *Bucólicas* também é algo de original que só encontramos na obra virgiliana.

Perret (1959: 67) diz que é natural em um poeta, a mudança de atitude espiritual que ressoa imediatamente nas imagens. Por exemplo, as *Bucólicas* são o poema das horas patéticas. Essencialmente, o poema do meio-dia, a hora na qual Pã opera seus prestígios; no lazer, a cigarra grita, tudo parece viver. A noite é ausente, está é duração, ao passo que os dias são os momentos; ausentes também são os astros que acalmam, enquanto o sol exalta. As *Bucólicas* são o poema do momento, dos acontecimentos e da natureza, sendo que esta tem a

sua participação registrada com a sua voz, com as suas frutas e com as suas flores.

Para os antigos gregos e romanos, o ato de imitar uma obra por um poeta ou prosador era aceito e elogiado por todos, bem diferente do nosso tempo. O professor Junito de Souza Brandão (1950: 13-4) esclarece, em sua tese à cadeira de Latim do Colégio Pedro II, *Os Idílios de Teócrito e as Bucólicas de Vergílio*, que os antigos faziam da imitação um conceito bem diferente que fazemos em nossos dias. Também afirma que os antigos entendiam o prazer estético de modo diverso de nós – a imitação era um lugar de destaque na criação poética. O público preferia a tradição à originalidade, o já comprovado ao novo.

Em *A Arte Poética*, (ARISTÓTELES, [s/d]: 239) Aristóteles dizia que toda poesia, como toda expressão artística, era uma imitação *mimesis* (○✕❖○♣♦✕↓). Vale ressaltar também que, no capítulo XXVI da mesma obra, Aristóteles afirmava que o poeta era um imitador, como o pintor ou qualquer outro criador de figuras.

Ruth Junqueira de Faria (1974: 11), em sua dissertação, *Aspectos lexicais e estilísticos do bucolismo vergiliano*, acha que, na antiguidade, o escritor só alcançaria êxito se trabalhasse elementos anteriormente elaborados.

Partindo do modelo, o poeta desenvolvia a obra literária segundo seu talento e sua maneira de sentir o universo. Enquanto atualmente a originalidade é elemento de valor estético, na época clássica acontecia o inverso. A idéia de imitação dominava a estética antiga que pode caracterizar-se com as expressões: *Mimesis: Poësis* (imitação, fabricação).

Virgílio se inspirou em seu modelo Teócrito, porém o nosso poeta mantuano não foi um mero imitador, pois também teve a sua originalidade naquilo que acrescentou ao seu modelo.

Perret (1959: 23) acredita que a poesia é um jogo. Para ele, é necessário conhecer bem a época de Virgílio para nos deleitarmos com o poeta. A sua poesia é pessoal e está ligada a duas palavras: imitação e fabricação ou criação poética.

Perret (1959: 25) também diz que os poetas da antigüidade tinham o costume de imitar textos antigos. Assim, Virgílio teve como modelos Teócrito, Hesíodo, Aratos e Homero, sendo este último na épica.

O poeta romano Virgílio inspira-se nos textos gregos, sobretudo, nos de Teócrito. E, tal procedimento dificilmente poderia ser diferente. Deste modo, concordamos com Zélia de Almeida Cardoso (1989: 24) quando ela diz que: “ (...) a “moda” literária da época preconizava essa atitude: se havia modelos perfeitos, a perfeição deveria ser imitada.”

Virgílio, a nosso ver, em muitos momentos de sua obra, soube ser original e romano. Para Bayet (1965:200), Virgílio foi, deveras, original. Sem dúvida, ele teve a influência do alexandrinismo que lhe deve a atitude do trabalho muito minucioso e do gosto da expressão sóbria e plena. Contudo, o temperamento de Virgílio o preservou das friezas, dos artificios e do esnobismo da arte pela arte.

De fato, graças aos gregos que sustentavam nele a sua inspiração e que desenvolveram nele a sua imaginação.

Sabemos que Virgílio nasceu em Andes, no ano 70 a.C., numa aldeia perto de Mântua. Seus pais eram camponeses. Ele se dedicou aos estudos literários e à poesia. Possuiu uma propriedade, às margens do Múncio que, mais tarde, lhe foi confiscada, fato este que lhe causou grandes dores em vida. Virgílio consegue reconquistar a propriedade graças à intervenção dos magistrados Asino Polião, Alfenio Varo e Cornélio Galo aos quais o poeta é muito agradecido e este acontecimento deu origem às suas *Bucólicas* I e IX.

A obra de Virgílio é caracterizada pelo amor à natureza campestre, pelo amor à paz, à ordem e à tranqüilidade, pelo amor à simplicidade e à naturalidade, enfim pelo amor à Pátria. Todas estas qualidades reunidas constituíram as três idéias fundamentais das obras de Virgílio: rústico-bucólica, social e patriótica.

Virgílio quis voltar à sua terra natal, mas poderíamos nos perguntar o por quê desse retorno às suas origens, se ele poderia viver em Roma, onde teria grandes chances de encontrar mais sucesso, em sua carreira literária. Brisson (1980: 84) em seu livro intitulado, *Virgile son temps et le nôtre*, nos explica que lá Virgílio encontrou con-

dições favoráveis às suas ambições poéticas e muito tempo para se inspirar, na elaboração de seus versos.

Brisson (1980: 85-6), em seu livro *Virgile son temps et le nôtre*, afirma que Virgílio foi um adepto dos alexandrinos e se preocupava, como estes, com a impressão, com o detalhe e com o desenvolvimento de um tema bucólico qualquer. Também, há uma preocupação do poeta com a sugestão e não com a explicação do poema.

Guilhemin (1968: 33-4) afirma que Virgílio foi um discípulo dos alexandrinos. Atenas, na época de Virgílio, deixou de ser a pátria da arte; e todos os sábios do mundo grego se voltaram para Alexandria e para o reinado dos Ptolomeus que os patrocinavam. Havia, lá, a famosa biblioteca e verdadeiros poetas.

Houve, consoante Guillemmin (1968: 48-50), uma profunda influência de Alexandria, em Virgílio, no que diz respeito à simplicidade, à ingenuidade dos pastores, ao realismo e às artes figuradas. A conquista do realismo foi uma das grandes vitórias da arte, diante do qual a arte chegou a penetrar nos segredos das almas. O realismo nasceu em Alexandria e encontrou o seu terreno privilegiado na Itália.

Brisson (1980: 91-2) afirma que Virgílio escreve as *Bucólicas* sobre o campo, sobre o seu país e sobre a sua terra natal, Mântua, na qual sua infância fora despreocupada e a paz em sua terra contribuiu para a sua formação como homem na fase adulta. Virgílio está convencido de que só o campo pode oferecer coisas boas para o homem ao passo que a cidade é um “locus” de luxo, de prazer desmedido e das ambições, como já afirmava Lucrécio, no *De Natura Rerum*. Também Brisson diz que Virgílio acreditou que a felicidade humana só seria possível longe dos centros nevrálgicos de uma civilização que são as cidades. Ainda Brisson (1980: 94), uma outra explicação nos é dada, para mostrar o motivo pelo qual Virgílio, em suas *Bucólicas*, escreveu sobre o campo em oposição à cidade e ao seu luxo, por influência comprovada do epicurismo e provavelmente por influência de Lucrécio. Lucrécio elogiava os campos e toda a existência pastoral, lugar que levava à felicidade o homem. Bellessort (1965: 30-31) também nos ensina que Virgílio aprendeu as doutrinas epicuristas com o filósofo Siro. Os sistemas da filosofia são ideais para satisfazer a todos os que os buscam.

Vale ressaltar que Virgílio não foi um epicurista e sempre respeitou as tradições de seu país, como diz Bellessort (1965: 31). Mas, tomou do epicurismo o entusiasmo pela ciência. Virgílio achava que era extremamente perigosa uma violenta ruptura com o passado.

Para Brisson (1980: 96) Virgílio escolheu o gênero bucólico porque neste o nosso poeta poderia retratar algumas de suas convicções epicuristas e retornar às fontes gregas que poderiam inspirá-lo. Também afirma Brisson que a vida doce patente nos pastores, o amor pelo frescor das sombras e as margens verdejantes do Múncio derivam do ensinamento de Epicuro e do elogio de Lucrecio que tinha abordado a felicidade no campo.

Virgílio procurou pôr, em sua obra as *Bucólicas*, um pouco do que aprendeu com seu mestre Siro. Nelas, Virgílio busca a felicidade, aliada ao exercício da poesia alexandrina, da qual havia tomado o gosto. O amor para Virgílio não é motivo de desordem, nem inquietudes, pois, o epicurismo condenava todo tipo de paixões, sobretudo, o amor. Perret (1959: 37) ressalta a relevância de Teócrito na inspiração e na criação de *As Bucólicas*.

Para Bayet (1965: 200-201), Virgílio se inspirou no modelo dos *Idílios* rústicos do siracusano Teócrito, para elaborar as suas *Bucólicas*. Neles, havia a objetividade realista, a plasticidade, as cruezas pelas quais o poeta grego tinha procurado agradar ao público corrompido. Nos encontros dos pastores, havia o desafio de improvisações poéticas em torneios. Assim se fazia na Sicília: os pastores cantavam versos alternados, chamados amebeus que permitiam, além do poeta multiplicar e variar as impressões, sair mais livremente do quadro dramático de sua peça. Havia o amor e os galanteios, os disfarces das personagens reais, curiosidades mitológicas e as alusões sutis queridas ao alexandrinismo. Virgílio, utilizando com extrema agilidade, pela “contaminatio”, algumas passagens emprestadas de Teócrito, transformou inteiramente seu modelo. Pois, o poeta mantuvo apresentou a paisagem e a atmosfera, não gregas, mas da Cisalpina; os pastores se exprimiam com mais polidez e delicadeza do que os de Teócrito. Há, em Virgílio, como afirma Bayet, uma superabundância de impressões sensoriais, que fazem crer num gênero eminentemente lírico; mas, de um lirismo pitoresco que não se desfigura no detalhe.

Concluimos este artigo, afirmando que as características bucólicas são fatores relevantes na obra virgiliana, embora a quarta *Bucólica* esteja mais próxima, pela temática e pela estruturação, do canto épico. O pastor de Virgílio é poeta, músico e cantor. Perret (1959: 29-30) fala sobre o trabalho do cesteiro e compara-o com a preocupação do poeta em esmerilhar e polir o seu poema. O trabalho da “cestaria” é impelido a um alto grau de refinamento. Virgílio, no fim de sua última *Bucólica*, compara-se a um cesteiro que trança um cesto. Esta imagem caracteriza a sua arte poética, a sua preocupação com a perfeição, o seu jogo contrastado com os principais temas paisagísticos, sentimentais e mitológicos. O poeta decide colocar todo o seu labor em uma gaveta e deixa repousar as suas lembranças. Alguns dias depois, quando ele relê o texto a fio, provavelmente, dará um maior brilho e polimento em seu poema.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ARAÚJO, C. L. de Albuquerque. *A Poesia Bucólica em Nemesiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- ARISTÓTELES. *Arte Poética e Arte Retórica*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
- BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1965.
- BELLESSERT, André. *Virgilio su obra y su tiempo*. Madrid: Editorial Tecnos, 1965.
- BRANDÃO, J. de Souza. *Os Idílios de Teócrito e as Bucólicas de Vergílio*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950.
- BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CARVALHO JÚNIOR, Antonio Augusto de. *A Expressão Poética Dialeto de Teócrito em As Siracusanas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ. 1990.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.

FARIA, Ruth J. de. *Aspectos Lexicais eEstilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

GUILLEMIN, A.M. *Virgilio poeta, artista, y pensador*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

LESKY, Albin. *História de La Literatura Griega*. Versión española de José M. D. Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Gredos, [s/d.]..

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulgenkian, 1983.

PERRET, Jacques. *Virgile*. Bourges: “Ecrivains de Toujours” aux editions du Seuil, 1959.